

JL

JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

Ano XLI • Número 1349 • De 15 a 28 de junho de 2022
Portugal (Cont.) €3,40 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

JOÃO MÁRIO GRILO

O regresso do cineasta,
o labirinto da criação PÁGINAS 18 E 19

DANÇAR SARAMAGO

Entrevista com Olga Roriz. Três
coreografias, inspiradas no escritor PÁGINA 21



Filhos de Império(s) DES-COBRIR A EUROPA

É um grande projeto, *Memoirs - Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias*, com múltiplas vertentes e realizações. Entrevista com a coordenadora, Margarida Calafate Ribeiro, textos de António Sousa Ribeiro, Fátima Cruz da Rodrigues, Helder Macedo, Paulo de Medeiros e Roberto Vecchi PÁGINAS 6 A 11

MEMOIRS – FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS

São a pós-memória e o pós-colonialismo que estão no cerne do *Memoirs*, um projeto “no âmago do futuro da Europa e das suas democracias”, como afirma a sua coordenadora em entrevista ao JL, que dedica o tema desta edição a esta reflexão hoje central no pensamento, na arte e na cultura. Na Gulbenkian está patente ao público, até 22 de agosto, uma exposição com cerca de 60 obras de 21 artistas cujas origens familiares se situam nas antigas colónias em África, e um programa paralelo que prossegue agora em junho, e em, julho com conferências, cinema, performance, música. Além desta entrevista, textos de António Sousa Ribeiro, Helder Macedo, Fátima da Cruz Rodrigues, Roberto Vecchi e Paulo Medeiros – e, em próxima edição, de Paulo Faria

Margarida Calafate Ribeiro

Para uma Europa com memória

R

Refletir sobre as heranças, e criar pensamento sobre o pós-colonialismo, a pós-memória. Esse o objetivo do projeto *Memoirs – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias*. Em jogo está “o uso da memória como espaço de transformação e questionamento do modo civilizacional que o facto colonial gerou e de que hoje todos somos herdeiros”, como nos adianta Margarida Calafate Ribeiro (MCF) investigadora-coordenadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, que nos últimos seis anos coordenou o projeto, financiado pelo Conselho Europeu de Investigação.

Com trabalho de campo realizado em Portugal, França e Bélgica, incluindo cerca de 200 entrevistas, nesse projeto “sobre a diversidade europeia que identificou a herança colonial como uma questão transversal e determinante na história da Europa e na sua definição contemporânea”, salienta a investigadora.

Com doutoramento em Estudos Portugueses pelo King's College, de Londres, profª da Un. de Coimbra e titular – com Roberto Vecchi – da cátedra Eduardo Lourenço da Un. de Bolonha, MCF esteve à frente de uma vasta equipa de investigadores – os que aqui hoje colaboram, e ainda António Pinto Ribeiro, Bruno Machado, Felipe Cammaert, Fernanda Vilar, Hélia Santos, Helena Rebelo, Nuno Simão Gonçalves. Tencos consultores e parceiros como



Margarida Calafate Ribeiro “Um projeto que identificou a herança colonial como determinante”

a Un. de Paris-Nanterre, a editora Afrontamento, o Instituto Camões, a Fundação Gulbenkian, o MUCEM, de Marselha, e o AfricaMuseum, de Tervuren, Bélgica coprodutores da Europa Oxalá, na Gulbenkian até 22 de agosto.

Com curadoria de A. Pinto Ribeiro, Katia Kameli e Aimé Mpane, a exposição, que já esteve em Marselha, apresenta cerca de 60 obras de 21 artistas afrodescendentes, de segunda e terceira geração, que na sua maioria vive, cresceu e estudou na Europa, mas cruza no seu trabalho memórias familiares ou o questionamento das heranças coloniais. Entre outros, Francisco Vidal, Pauliana Valente Pimentel,

Mónica de Miranda, Carlos Bunga, Djamel Kokene-Dorléans, Joséfa Ntjam, Malala Andrialavidrazana.

Paralelamente à exposição, há um programa de conferências, visitas guiadas, e debates. MCF irá conversar, a 20, com a escritora franco-marroquina Leila Slimani, que reside em Portugal. E, a 25, sempre na Gulbenkian, haverá ainda uma conferência, *Cinema e Pós-Memórias*, seguindo-se um ciclo, *Cinemas e Independência*, e um festival de música com curadoria de Dino d'Santiago. “Europa Oxalá” será depois apresentada no Museu Real da África Central, em Tervuren, na Bélgica, de 6 de outubro a 5 de março de 2023.

O facto colonial não terminou com quem o praticou ou com quem o sofreu. Prolongou-se nas gerações seguintes nas mais diversas formas que podem ir da nostalgia à discriminação, do racismo ao nosso pós-lusotropicalismo

Jornal de Letras: O que se procurou com o projeto *Memoirs*?

Margarida Calafate Ribeiro: *Memoirs* foi um projeto sobre a diversidade europeia que identificou a herança colonial como uma questão transversal e determinante na história da Europa e na sua definição contemporânea, em si mesma e no mundo. As nossas perguntas de investigação mostram o que procurávamos: como se deu a transferência de memória dos últimos dias do colonialismo europeu em África para as gerações seguintes? Qual o impacto dessas memórias no nosso presente europeu? Como se manifestam social e culturalmente na Europa de hoje? Interessávamos-nos as gerações seguintes, o desafio era reconceitualizar o conceito de pós-memória (ver, na p. ao lado, texto de António Sousa Ribeiro).

Em que sentido?

Como apropriação, por uma segunda geração, do capital de experiência da geração anterior, que viveu os processos de descolonização de territórios colonizados por Portugal, França e Bélgica e na qual ecoam memórias de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Argélia e Congo.

Os ‘filhos do Império’ objeto do vosso estudo? E quem são?

Alguém que tem memórias de infância ou, na maioria, que já não viveu os processos das guerras coloniais e das descolonizações, mas que, através das memórias familiares e públicas, os herdou e hoje os questiona, transformando, muitas vezes, essas heranças e interrogações em gestos artísticos...

... Como se pode ver na exposição “Europa Oxalá”. O que essencialmente define os ‘filhos do Império’?

Trata-se de um conjunto de pessoas muito diverso – filhos de retornados, *piéds noirs*, repatriados, ex-combatentes das guerras coloniais, ex-co-

Meandros da pós-memória

ANTÓNIO SOUSA RIBEIRO

Uma herança comum: viram as vidas dos seus familiares atravessadas por um momento da história marcante pela revolução que introduziu nas suas vidas, na configuração dos seus países e das suas identidades e sobre a qual produziram as mais diversas narrativas

lonizadores e colonizados – mas que tem uma herança comum: viram as vidas dos seus familiares atravessadas por um momento da história marcante pela revolução que introduziu nas suas vidas, na configuração dos seus países e das suas identidades e sobre a qual produziram as mais diversas narrativas. O que nos interessou referir, por um lado, a relação intergeracional que subjaz a esta memória dos descendentes e, por outro, a ligação que esta memória familiar fundadora de um indivíduo, encontra com as memórias públicas e com as suas experiências presentes hoje, como cidadãos ou artistas e escritores europeus.

DIMENSÃO TRANSNACIONAL **Memoirs assenta numa dimensão comparativa. Porquê?**

Para questionar os discursos dos excecionalismos coloniais e os seus prolongamentos contemporâneos. Interessava-nos mostrar a dimensão transnacional da herança colonial na Europa contemporânea, e não apenas neste ou naquele país. O objetivo era lançar um pensamento pós-nacional sobre estas heranças e discuti-las como um facto contemporâneo e não do passado. Quisemos comparar países, experiências, os vários tipos de histórias dos filhos e não setorizá-los, como se fez em alguns estudos relativos à primeira geração.

E identificam-se diferenças entre a primeira e a segunda geração?

O nosso objeto de estudo situa-se nas gerações que cresceram na Europa e que, ao contrário da primeira geração, não alimentam mitologias de regresso, mas antes reivindicam pertencidas. Por isso, ao mesmo tempo que recusam a retraumatização da perda, recusam também as lógicas do esquecimento. A temporalidade do projeto é o extremo contemporâneo, os anos 2000.

E incide sobre os territórios de Portugal, França e Bélgica. Porquê?

A escolha dos contextos estudados – os países – obedece a vários critérios de semelhança nas concepções de na-

Quando, em 1997, na sua obra *Family Frames: Photography, Narrative, and Postmemory*, Marianne Hirsch propôs o conceito de pós-memória, estava, simplesmente, a dar um novo nome a um problema há muito identificado. Se, para retomar a expressão de Annette Wieviorka, vivemos hoje na “era do testemunho”, isto é, num contexto em que a voz das vítimas das muitas violências que marcam a nossa época e marcaram o curso da história do século XX, se torna crescentemente audível, o que acontece às memórias assim produzidas do ponto de vista de uma segunda ou de uma terceira gerações? Por outras palavras, existe uma memória do não-vivido, um relacionamento com o sofrimento da geração dos pais ou dos avós marcado por uma intensidade emocional de tal ordem que essas memórias podem ser incorporadas na identidade do sujeito como sendo suas?

Em particular na ampla investigação sobre o Holocausto, esta pergunta há muito foi respondida afirmativamente. Mas, porventura pela direta associação lexical ao lexema “memória”, coube à noção de “pós-memória” ir-se tornando crescentemente hegemónica. Na definição tornada praticamente clássica de Marianne Hirsch, “pós-memória aponta para a relação da segunda geração com experiências marcantes, muitas vezes traumáticas, que são anteriores ao seu nascimento, mas que, não obstante, lhes foram transmitidas de modo tão profundo que parecem constituir memórias em si mesmas.”

Em trabalhos posteriores da autora, a ideia de transmissão foi sendo matizada. Com efeito, não se trata de “transmissão” no exato sentido do termo, muito menos de uma transmissão linear. A noção de recordação, lembrança ou reminiscência no sentido da simples referência a uma experiência passada chegada ao sujeito por um processo de transmissão que cede o lugar à ideia de investimento, negociação e (re)construção, que permite o estabelecimento de modos de comunicação suscetíveis de transportar o abismo irrevogável entre o ator real – vítima ou perpetrador – e aqueles que, não tendo participado e não podendo, assim, testemunhar no sentido literal da palavra, tomaram a decisão de mergulhar na experiência de outros, seja à escala familiar, seja à escala da sociedade no seu conjunto.

Deste ponto de vista, o “pós” em “pós-memória” sinaliza, não tanto uma ideia de continuidade, mas sim um momento reflexivo, um intervalo, é uma marca tanto de proximidade como de distância, apontando para um processo por natureza dinâmico, enquanto produto de um trabalho de reencenação da relevância contemporânea do passado. Assim, a pós-



Katia Kameli e a obra dela *Trou de Mémoire*

–memória representa, literalmente, um ato de tradução, se entendermos a tradução como um modelo epistemológico para o conjunto das estratégias de relacionamento e de incorporação de discursos e experiências que pertencem a um contexto por definição estranho e inassimilável.

É BOM DE VER QUE AQUELE TRABALHO de negociação e de (re)construção está intimamente dependente de um envolvimento emocional definível, porventura, por duas palavras-chave: reconhecimento e compaixão. Mas estas palavras-chave têm de ser entendidas, não como referindo-se a um “sentimento” passivo gerado por uma relação de empatia, mas sim como um gesto performativo, um gesto de conhecimento em ação, em que a emoção cumpre a função cognitiva de suscitar a incorporação da experiência de outrem, normalmente, uma experiência de sofrimento, na nossa própria estrutura de percepção, cumprindo o imperativo de humanidade representado pela integração do sofrimento alheio no âmbito do nosso conhecimento do mundo e da nossa relação com o mundo.

É neste quadro que os processos de pós-memória revelam capacidade para ir além da esfera puramente familiar, o contexto por excelência de interrogação dos silêncios e dos traumas da geração precedente, e para se afirmarem na esfera pública.

A constituição da pós-memória pública tem um significado ético e político de enorme alcance, uma vez que traduz o compromisso de largos setores da sociedade com a construção de um presente e de um futuro conscientes das violências e do sofrimento provocado por opções do passado

A constituição desta pós-memória pública tem um significado ético e político de enorme alcance, uma vez que traduz o compromisso de largos setores da sociedade com a construção de um presente e de um futuro conscientes das violências e do sofrimento provocado por opções do passado, traduzindo a capacidade de construir uma sociedade e uma democracia com memória, uma

memória que não se esgote com o inevitável desaparecimento dos seus protagonistas diretos.

No contexto português, isto é, claramente, verdade para o confronto com o passado colonial em geral e, em particular, com as violências da Guerra Colonial. Demasiado tempo a memória destas violências se manteve na esfera privada, seja das famílias das vítimas, seja dos perpetradores. Se, crescentemente, se vai rompendo o silêncio público sobre esta matéria, tal deve-se, sem dúvida, à investigação universitária, mas deve-se muito mais à crescente visibilidade social de vozes representativas do que pode chamar-se “a geração da pós-memória” do processo colonial. Vozes que, isoladamente ou em grupo, vão forjando cada vez mais possibilidades de afirmação pública, em particular, e com especial impacto, no campo das artes. Criar espaços e tempos de reverberação e de ampliação dessas vozes constituiu o núcleo essencial do programa de investigação desenvolvido pelo projeto *Memoirs*. ■

António Sousa Ribeiro, diretor do Centro de Estudos Sociais (CES), e prof. catedrático da Fac. de Letras, da Universidade de Coimbra, tendo sido presidente do Conselho Científico de ambos. Com uma larga obra sobre temas de literaturas e culturas de expressão alemã, foi também distinguido com o Prémio Nacional de Tradução

ção/ império (tal como para Portugal, também a Argélia era parte constitucional da França), assim como em relação aos fins de império com guerras coloniais e com o "retorno" de muitas pessoas às antigas metrópoles, a descolonizações de enorme impacto nas metrópoles. Interessava-nos também analisar as diferenças, como, por exemplo, o modo do confronto de democracias e de ditaduras europeias com a questão colonial, como foi o caso português comparativamente à Bélgica e à França. É desta comparação que emerge a dimensão transnacional, europeia, desta herança que está no centro do debate pós-colonial contemporâneo, em que se definem novas formas de cidadania pós-nacional e transterritorial, situando o projeto no âmbito do futuro da Europa e das suas democracias.

Como decorreu o trabalho nesses três países?

Felizmente, o nosso trabalho de campo foi realizado antes da pandemia. Entrevistámos 160 "filhos do Império", a partir de um guião semiestruturado, vimos centenas de espetáculos, filmes, exposições, recolhemos uma vasta bibliografia literária, participámos em debates, encontros académicos e não académicos, criamos parcerias muito produtivas com associações, escolas, fundações, museus, festivais. Foi, portanto, a partir destas entrevistas e de produções artísticas que analisámos a presença destas memórias mediadas, dos seus silêncios e das suas interrogações, seja na experiência quotidiana, seja através das diversas narrativas que têm vindo a surgir, sobretudo a partir dos anos 2000, na literatura, no cinema, na música, nas artes performativas e visuais.

REINTERROGAÇÃO DA HISTÓRIA A que conclusão chegaram?

A que para uma geração tão diversa de filhos de antigos impérios, esta História é já uma representação que reinterroga, procurando genuinamente conhecer uma história outra, relativa às origens dos seus familiares e do seu país. Essa interrogação é a pós-memória e é assim que se revela como um legado politicamente ativo.

Em que medida?

Na medida em que nos mostra como o facto colonial não terminou com quem o praticou ou com quem o sofreu. Prolongou-se nas gerações seguintes nas mais diversas formas que podem ir da nostalgia à discriminação, do racismo ao nosso pós-lusotropicalismo, da mitificação da história e dos lugares ao seu apagamento, à denúncia ou à "revisitação" com a viagem aos países anteriormente colonizados, na procura de uma pertença ou de uma história interrompida, que não viveram mas que lhes poderia estar reservada. Por exemplo: hoje, os europeus herdeiros dos movimentos políticos e populacionais saídos das descolonizações, que trouxeram até à Europa populações com vivências coloniais, são sujeitos e corpos políticos europeus.



Délio Jasse em frente à sua obra *Terreno Ocupado*

E que questionam a História europeia?

Assumem memórias e identidades transnacionais e transterritoriais que colocam sob suspeita os modos e as geografias do humanismo europeu, as suas democracias e as suas práticas perante a barbárie do que foi o colonialismo e do que são ainda hoje as suas heranças. Hoje, os filhos e netos dos países envolvidos nas descolonizações, bem como muitos cidadãos não ocidentais a viver no Ocidente, lançam e colocam a pergunta a partir de outros lugares de enunciação, um dos quais, mas não certamente o exclusivo, é esse lugar híbrido que os habita e que é o lugar do não-branco-europeu, do oriental-europeu, do latino-americano-europeu, do árabe-europeu ou do europeu branco com memória africana. A partir das suas experiências familiares e públicas, interrogam as histórias contadas e as histórias ocultadas, herdadas objetos de territórios e vidas anteriores, interrogam narrativas museológicas, cujas coleções evocam fantasmas da empresa colonial, revisitam arquivos oficiais e contam essas histórias em livros, filmes, obras de arte, inscrevendo-os na casa europeia.

E marcando pela diversidade a cultura europeia?

Alteram-na e são responsáveis pelo seu cosmopolitismo e grandeza cultural, ao mesmo tempo que respondem, de forma dialógica, aos aspetos mais reacionários e mais avessos à mudança da cena europeia atual, que reage procurando uma essência nacional mitológica, a partir da qual se ergueram outros horrores do século XX europeu. Por isso, a descolonização é um processo longo e que se vai declinando diferentemente ao longo do tempo. Se a descolonização política representou a reconquista do território e a sua restituição através do ato político da independência, como aconteceu até com processos bélicos como nos casos

Memoirs atingiu o objetivo de criar uma nova cartografia da memória colonial europeia e, consequentemente, uma agenda política para uma Europa com memória

de Portugal e da França, na Guerra da Argélia, a descolonização situa-se hoje noutros patamares da restituição.

De que forma?

É uma discussão que vai dos paradigmas históricos e narrativos em que a história europeia foi narrada, como nos alerta Edward Saïd, à restituição de obras de arte ou do debate sobre a descolonização do pensamento à descolonização das pessoas, nas imagens do ex-colonizador e do ex-colonizado, que ainda emborram fantasmaticamente as nossas sociedades. O que vemos hoje não é, portanto, o regresso do passado colonial, mas o início do debate entre esse tempo marcado pela dominação colonial e as relações sociais contemporâneas em sociedades herdeiras desses passados. O que está em jogo não é a memória como espaço de recordação, que não podem ter (essa experiência pertence à geração dos pais), mas o uso da memória como espaço de transformação e questionamento do modo civilizacional que o facto colonial gerou e de que hoje todos somos herdeiros.

Inscribe-se nessa reflexão o livro que recentemente publicou, com Fátima

da Cruz Rodrigues, *Des-Cobrir a Europa - filhos de império e pós-memória europeias*?

É também um exercício de restituição da memória e que gerou momentos de reconhecimento, de cidadania, de compaixão. A abordagem que fazemos da categoria da pós-memória não se encerra no seu aspeto teórico, mas é sobretudo analisada como uma preocupação pública em relação ao passado colonial europeu e às suas marcas no nosso presente.

NOVA CARTOGRAFIA

Além desse livro como foram divulgando o conhecimento conseguido com a vossa investigação?

Ao longo do projeto fomos dando conta deste "novo mundo" (para usar uma parte do título do livro de António Pinto Ribeiro), que emerge através da nossa *newsletter* publicada de maio de 2018 a dezembro de 2021, num total de 150 números, para além de mais de 40 artigos, 50 capítulos de livros. Pela intensidade, coerência e novidade das nossas investigações, o projeto realizou uma programação académica e artística própria em várias áreas, fruto de diversas parcerias: desde a participação no festival de cinema Porto/Post/Doc, em 2017 e 2018, e na Bienal de Marselha, à colaboração com Lilian Thuram e a sua Fundação de Educação contra o Racismo, e à Culturgest, parceria a que retornamos, no passado mês de novembro para realizar o colóquio final do projeto, "Constelações da pós-memória na Europa pós-colonial". Nele participaram académicos, artistas, programadores e diretores de instituições com quem ao longo dos últimos anos temos vindo a refletir e a trabalhar no projeto e na exposição, uma coprodução do CES, do MUCEM, de Marselha, do AfricaMuseum - Museu Real da África Central, em Tervuren, na Bélgica e da Fundação Gulbenkian.

No âmbito da exposição foram lançados um catálogo e um livro de ensaio. Mas estão a editar também uma coleção.

Já foram editados sete livros a que se vão acrescentar mais nove títulos, a publicar este ano e no próximo. Deste intenso e prazeroso trabalho de pesquisa, de conhecimento coproduzido, de programação e publicação, sempre com a editora Afrontamento, ficam alguns livros que importa assinalar.

Por exemplo?

Dos livros que não são só de investigadores do projeto, permito-me destacar de A. Sousa Ribeiro, *A Cena da Pós-memória*, de A. Pinto Ribeiro, *Novo Mundo - Arte contemporânea no tempo da pós-memória* e o que já referi, meu e da F. Cruz Rodrigues. No seu conjunto, os três produzem uma cartografia deste novo mundo dos anos 2000 europeus. Com *Não dá para ficar parado - música afro-portuguesa* (2020), de Vítor Belanciano e de Vincenzo Russo, *A resistência continua. O colonialismo português, as lutas de libertação e os intelectuais italianos* (2022), inaugurámos as publicações de estudos de casos.

E quais são os que se seguem?

Ainda este ano sairão livros sobre a poesia slam nos três países, de Fernanda Vilar, pós-memória em alguns escritores europeus, de Felipe Cammaert, a literatura portuguesa contemporânea, de Paulo de Medeiros, nostalgia e saudade no caso português, de Roberto Vecchi, narrativas de morte e desaparecimento de Fátima da Cruz Rodrigues. A finalizar a coleção haverá um livro que ando a escrever sobre estas Europas.

E a plataforma de artistas europeus que trabalham as questões da pós-memória, do pós-colonialismo, "Reimaginar a Europa"?

Junta cinco áreas artísticas, mais de 400 artistas e mais de 1200 obras, com um sistema de pesquisa dinâmica, desenvolvida pela empresa Sistemas do Futuro. Este é já um trabalho de continuidade do projeto MAPS - Pós-Memórias Europeias: Uma Cartografia Pós-Colonial, financiado pela FCT e que tem como finalidade dinamizar e divulgar os resultados do nosso projeto (acessível em: <https://reimaginaeuropea.ces.uc.pt>).

Enfim, entende que *Memoirs* atingiu o seu objetivo?

Sim, criou uma nova cartografia da memória colonial europeia e, consequentemente, uma agenda política para uma Europa com memória. O grande desafio é continuar "esta conversa" e reforçar a divulgação de resultados e a vertente da formação através de programas académicos e não académicos em que continuemos a encontrar e a promover plataformas criativas de diálogo com os vários públicos capazes de transformar as relações Norte-Sul, ou seja, as relações e as histórias que unem a Europa a África e a África à Europa, dois continentes "condenados" a se entenderem e a gerarem futuro. **JL**

PIERRO JINIA

O passado: (escassas) instruções de uso

ROBERTO VECCHI

❏ O passado nunca é uma terra estrangeira. É antes um lugar que tentamos o mais possível cativar e tornar nosso. É por isso que conhecemos o passado através de mediações, dos usos ou reusos que fazemos dele ao citá-lo. Do passado, inclusive por determinação linguística, nada resta, tudo definitivamente passou. Neste sentido, o passado é uma ausência que pode tornar-se de algum modo presente, é algo que se reconstrói a partir de rastros provavelmente precários e, por isso, é uma obra destinada a uma constante remodelação.

As práticas que reconduzem ao passado podem ser vistas como uma arte de certo modo próxima da arte da memória da tradição clássica. Nelas, o papel subjetivo e individual de quem as realiza e lhes dá forma desempenha uma função crucial. Um exercício como este torna evidente que o passado é sempre contemporâneo: de facto, um passado assim reconfigurado é uma inscrição – ou uma reinscrição – no presente.

Falamos de passado, associando-o à memória, bem mais do que à prática da história que se constrói através de outros contratos. O aspeto mais delicado do reuso do passado é a mediação. Não porque ela determine a relação entre factualidade e ficcionalidade do resgate, mas porque existe sempre uma dupla vertente em qualquer reconstrução.

O reuso do passado, mesmo que relativo a factos, remete para uma alteração, por vezes substancial, do que de facto ocorreu. O passado nunca retorna ou retornará, não há repetição possível, mas reconstitui-se através de outras formas e de outras figuras. Por isso, o uso do passado, além de arte e obra, é, sobretudo, um exercício que implica sempre uma responsabilidade por parte de quem o pratica. Sendo a alteração inevitável, é o mediador que garante que o uso ou os reusos do passado não se precipitem nos abismos dos abusos, tutelando o resgate do passado pelo que poderíamos chamar uma ética da reconstrução. Nada de óbvio, portanto, ou de imediato.

A África, para Portugal, coloca de modo claro os desafios plurais dos usos do passado. Temos uma multiplicidade de usos do passado relativos às imagens, às vivências, às memórias diretas ou indiretas de África, de signos diferentes, conforme a perspectiva de quem, de onde e de como se viveram os tempos nas colónias. Neste cenário, vale a pena evocar uma definição corrente de nostalgia, que afirma que a nostalgia é “um passado sem culpas”.

Neste sentido, o reuso do passado permite depurá-lo de todas as possíveis corrosões de uma história assimétrica, arbitrária ou até traumática. É por isso que, em reconstruções edénicas de um passado idealizado,



Vista parcial da exposição Europa Oxalá

Angola ou Moçambique eram, para quem estivesse do lado melhor da relação colonial, “lugares girissimos” e “totalmente modernos” para os *happy few*, onde tudo existia em excesso e era acessível.

Um passado assim brilhante é visto em contraste com as cores desbotadas do presente, o que explica a insistência de um resgate reiterado e opositivo. A nostalgia de África, que se combina com a saudade, pode criar fantasmagorias barrocas de retornos cobiçados e reinventados, mas impossíveis, apesar da ilusão da saudade. Mais do que a transição de um fantasma, a fantasmagoria funciona como a evocação (ou a citação) de um fantasma.

COMO LIDAR ENTÃO COM ESTAS GEOGRAFIAS do reuso do passado que podem alterar drasticamente as imagens do que efetivamente foi? Sobre tudo quando falamos, como acontece no projeto *Memoirs*, das memórias do passado que se

O ato crítico reinscreve a nostalgia não no campo de uma relação trágica com o passado, mas no plano potencial de um desejo e de uma reconfiguração cultural e política que a torna um arquivo particular de que pode derivar uma premissa de futuro

de uma consciência histórica capaz de contrastar e re-situar os arquivos pessoais numa perspectiva crítica, coletiva e problematizadora, sobretudo para quem não viveu aquele passado?

O que está em causa é a economia da nostalgia – no reuso e nos modos de citação do passado – que pode influenciar a formação de uma categoria problemática, mas relevante, que é a “pós-memória”, a memória transmitida diferencialmente para as gerações não testemunhais. O dispositivo nostálgico altera e reconfigura a transferência de memórias, e, por isso, a interrogação sobre a disseminação da nostalgia de África no Portugal contemporâneo é dolorosa e necessária.

O desafio crítico torna-se evidente. Convida-nos a refletir sobre os processos de construção da memória comum e pública não para os controlar ou condicionar, mas para entendermos melhor o seu funcionamento íntimo, os riscos das suas perdas, das suas disfunções, e das suas ações latentes que expõem a memória às ameaças do apagamento.

É esta tarefa que cabe em primeiro

lugar à crítica, de que decorre o valor do projeto *Memoirs*, numa dimensão não só portuguesa mas europeia, com outros tantos fantasmas coloniais que ainda atravessam o continente. O ato crítico reinscreve a nostalgia não no campo de uma relação trágica com o passado, mas no plano potencial de um desejo e de uma reconfiguração cultural e política que a torna um arquivo particular de que pode derivar uma premissa de futuro. Uma nostalgia que se abre utopicamente e com a sua força crítica não para uma repetição do idêntico, mas para uma tradução diferencial, crítica e comunitária, do passado, criando aquilo a que costumamos chamar de futuro. ■

Roberto Vecchi, prof. catedrático da Un. de Bolonha, e, com Margarida Calafate Ribeiro, coordenador da Cátedra Eduardo Lourenço. Investigador do CES, da direção do Center of Studies Umberto Eco, sempre em Bolonha. Em Portugal, é investigador associado do CES, presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, autor de uma larga obra sobre a teoria e a história das culturas de língua portuguesa

PEDRO PINA

Fantasma, Fotografias, Futuros

PAULO DE MEDEIROS

■ A obra de Djamilia Pereira de Almeida, notável a vários níveis, tanto pela importância dos temas abordados como pela beleza, singeleza, e força da escrita em si, tem privilegiado questões de memória e de pós-memória. Em *Gestos*, livro híbrido, composto de notas, textos curtos, alguns experimentais, todos eles como uma componente autobiográfica, mesmo se sempre trabalhada, a memória volta a ser tema central, memória pessoal, mas sempre em jogo com a coletividade, num processo dialético constantemente renovado, do princípio ao fim do livro.

AS MÃOS SÃO UM DOS OBJETOS mais intensamente descritos, mencionados, comparados e usados neste livro, desde o seu preâmbulo - “Uma mão a filmar outra mão” (10) - até ao derradeiro texto. As mãos próprias, mas frequentemente as



Nu Barreto, Traço Diário3

mãos dos outros. As mãos como símbolo do ser, mas também como indicio de uma vida vivida, do tempo passado. A mão como arquivo da dor passada, “[n]a mão esquerda, uma queimadura (108), mas também como o elo fulcral entre dois amantes ou camaradas, na tua mão a mão na tua mão / a mão na tua mão, esqueçamos a dor pois somos irmãos’ (148). E a mão imprescindível para escrita e para o registo da memória, mesmo quando testemunha das mãos fantasma, ausentes: ‘Em três fotografias, meninos sem mãos brincam, pintam, desenham. É o Verão de 1965.’

OS FANTASMAS SÃO LEGIÃO neste livro, o que, em si, se poderia já reconhecer como um *leitmotif* na obra de Djamilia Pereira de Almeida. Fantasmas pessoais, fantasmas mais presentes que ausentes, mesmo se como ‘presenças presentidas

A cena da memória - polifonias europeias

FÁTIMA DA CRUZ RODRIGUES

■ Cerca de duas centenas de cidadãs e cidadãos europeus ofereceram as suas memórias e opiniões relativamente ao processo do final do colonialismo português, belga e francês em África, no âmbito do projeto *Memoirs* - 37 delas foram agora publicadas no livro *Des-Cobrir a Europa - Filhos de Império e Pós-memórias europeias* (Afrontamento).

São filhos/as e netos/as de retornados e de *pieds-noirs* regressados da Argélia, de colonos belgas do Congo, de combatentes portugueses e africanos das Forças Armadas Portuguesas (FAP) e franceses e argelinos das Forças Armadas Francesas (FAF), de combatentes das forças de libertação de Argélia, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, de desertores, capitães de Abril, homens detidos e/ou desaparecidos no contexto das guerras de libertação, governadores de territórios coloniais, embaixadores, comerciantes, electricistas, agricultores, polícias, operários fabris, domésticas, médicos, etc. Em suma, são filhos de ex-colonizados, colonizados ou combatentes, hoje cidadãos europeus, com diversas profissões e níveis de instrução, em cujas vidas ainda ecoam memórias daqueles países, que responderam a uma longa entrevista em que ofereceram os seus testemunhos e descreveram os seus percursos de vida e os dos seus pais e avós.

A análise destas entrevistas revelou memórias e opiniões muito diferenciadas, decorrentes da particularidade dos percursos de vida dos entrevistados e famílias, e dos processos de descolonização dos territórios envolvidos na investigação. Mas trata-se, ao mesmo tempo, de uma diversidade que revela matérias comuns e pontos de contacto que se manifestam em forma de fragmentos que representam vidas, pertenças e heranças, traumas, perdas, ressentimentos, reivindicações, conquistas, paixões e alegrias. São fragmentos de narrativas ancoradas noutros territórios ligados a um passado colonial e que dão conta de reminiscências daquele tempo, inscritas no presente pós-colonial.

Por isso, neste texto optou-se por seguir, uma das lições metodológicas de Walter Benjamin em relação a história enquanto construção composta a partir de um amontoado de fragmentos que, embora heterogêneos, dispersos, descontínuos, mais próximos ou mais distantes entre si, formam constelações capazes de expressar precárias totalidades que emanam das relações que entre eles se podem estabelecer.

Os fragmentos que aqui partilhamos representam reflexões críticas sobre a permanência da questão colonial na Europa pós-imperial. São questões lançadas sobre os silêncios,



Obra/ vídeo Sara Sadik

os não ditos e os fantasmas de uma história imperial europeia que emerge no nosso presente.

FRAGMENTOS

- Como lidar com esse passado doloroso tanto para uns como para outros? Como reunir tudo isto numa narrativa comum? É esta a minha questão.

- Creio que hoje estamos a viver um tempo em que está muita coisa em jogo, tanto a nível privado - na verdade de muitas pessoas -, como a nível coletivo, e, portanto, político. Ou seja, que história é que a Bélgica vai contar aos seus filhos? Que história é que a Europa vai contar a partir daqui?

- Cresci em França, e foi como se

eu não tivesse história, fui confrontado apenas com a história da França, e sobre a história da Argélia, esta outra enorme parte da história da França, não havia nada. (...) Eu carrego todas estas heranças da França e o que me resta desta Argélia. É essa história que eu trago para França para ser francês.

- Faço parte da geração filha da

no avesso das coisas'. Fantasmões não só invocados como até desejados: 'Querida escrever um livro de fantasmas (...)' (122). Os fantasmas têm a ver com traumas passados, com uma história de violência herdada da condição colonial, mesmo no seu último estertor e após dele, muito para além de qualquer dicotomia redutora entre culpados e inocentes, carrascos e vítimas. Assim é o caso de "Fidel", 'que foi, em nossa casa, um espectro' (67), filho de pai soldado cubano e mãe angolana, 'um cowboy mulato de dezassete anos, 'em sprint numa freguesia da linha de Sintra', e deportado para Luanda, onde morre jovem ainda. 'Doem-me os ossos dos outros. Perguntaram-me a quem vou deixar estas memórias todas

GESTOS EXIBE UM MONDO DE SER e estar no mundo que depende de imagens, num jogo complexo em que a voz autoral nos descreve com precisão, rigor, e de forma evocativa, cenas da vida quotidiana, pequenos objetos, pessoas, nada de 'espetacular', mas mesmo assim 'memorável'. A mesma voz autoral é ela própria tanto

sujeito como objeto, já que nos conta ser frequentemente fotografada por um companheiro em que se quiséssemos, bem poderíamos imaginar o marido de Djaimilia Pereira de Almeida, também fotógrafo. Esse jogo entre o autobiográfico e o ficcional comum a outros livros seus, aqui assume contornos meta críticos, constituintes do próprio texto como texto. As fotografias são um dos objetos mais importantes em processos de memória e aqui também, quer as dos álbuns de família, quer as dos livros de arte.

ALIÁS EXISTE UM RELACIONAMENTO íntimo entre mão, escrita, e fotografia, que se 'revela' no gesto: 'Ele fotografou-me muito e, ao segundo disparo, levantei a mão e disse "basta". Pensei nesse gesto (... 31). Se o passado é da maior importância para Djaimilia Pereira de Almeida, no entanto, este é bem um livro do presente e um livro virado para o futuro, sem nostalgias custe o que custar já não se ter dezassete anos - com toda a carga emotiva dessa idade no limiar entre a infância e a vida adulta: 'Dezassete é um começo de futuro e não uma saudade' (92). **¶**

independência na Guiné-Bissau. É nesse espaço que navego, rejeitando o negativo, celebrando o positivo. É um período muito importante na história dos dois lados: do antigo colonizador, Portugal, e da antiga colónia, a Guiné-Bissau. São histórias que se devem partilhar para fazerem parte das histórias e das experiências do mundo.

- A Bélgica está agora a lutar com o seu passado. A questão colonial vai continuar, porque há um passado pesado a ser compreendido e pacificado. Isto ainda está muito presente na vida e na mente dos africanos, daqueles que foram explorados, e também daqueles que os exploraram.

- É preciso construir uma história apaziguada do que se passou na Argélia.

- Os meus pais falaram muito comigo, mas não me contaram tudo. Acho que há coisas que eles omitiram porque não queriam que carregássemos demasiadas coisas. Ate preferência não ter colocado certas questões aos meus pais porque as respostas que tive tornaram a minha relação com a França e com a minha identidade muito dolorosa.

- Penso nas crianças que, como eu, foram educadas num sentido de superioridade em relação aos africanos e nos africanos que nunca foram reconhecidos pelo que são e por tudo o que fizeram. A descolonização deveria ter colocado tudo isto em questão, mas não foi assim. Este reconhecimento permitiria cicatrizar as feridas, porque há episódios de uma enorme crueldade, horríveis ainda hoje de nomear. [...] É uma

Fragmentos que representam reflexões críticas sobre a permanência da questão colonial na Europa pós-imperial. Questões lançadas sobre os silêncios, os não ditos e os fantasmas de uma história imperial europeia que emerge no nosso presente

história brutal, muito complexa, mas é a nossa história e temos de a ver e contar a partir de diferentes perspectivas e vivências.

- Estamos a *reolhar* estes caminhos, estas heranças e a falar sobre isso e sobre o que está a acontecer com uma perspectiva de futuro, de ver o que podemos alterar, o que queremos alterar. Precisamos de colocar as questões ao contrário. Quando dizem: o que seria de África se não tivesse passado pela colonização? Eu faria a pergunta ao contrário: o que seria da Europa se não tivesse colonizado África? **¶**

**Fátima da Cruz Rodrigues, investigadora do CES, da Un. de Coimbra, docente na Fac. de Direito da Un. do Porto e na Un. Lusíada*

Pretextos Europa Oxalá



PRETEXTOS
Helder Macedo

¶ Pois é, viajar é preciso. Depois de dois anos de confinamento londrino, pude finalmente ir num rápido vai e vem a Portugal. Nunca se recupera o tempo passado, é claro, mas o tempo presente contém sempre o passado, mesmo quando desentendido ou modificado pela memória. Foi isso que procurei mostrar no seminário que fui fazer em Coimbra, no curso de doutoramento sobre Pós-colonialismos e cidadania global codirigido pela prof^a Margarida Calafate Ribeiro (MCF) no Centro de Estudos Sociais.

É uma conversa que iniciámos em Londres, no King's College, quando concordámos que para se entender (e porventura implementar) o pós-colonialismo convinha entender o pré-colonialismo. Manifestado, por exemplo, no caso português, nas objeções de Sá de Miranda à expansão imperial e nas ambiguidades de Camões n'Os Lusíadas sobre os benefícios do império. Será que o Velho do Restelo tinha razão? Camões parece concordar com ele, nas estrofes finais do poema.

Foi também por esse tempo que formulei o conceito de "reconhecer o desconhecido" como um engano de quem julga ver a semelhança das suas preconcepções nas concepções diferentes de outros povos e culturas. Donde, opostamente, se conclui que a sobre palavra "descobrir" - e o consequente conceito de "descobrimto" associado às pioneiras viagens marítimas portuguesas - só obtusamente pode ser desentendido, numa retrospectiva concepção anti-imperialista, como negativa. "Descobrir" significa apenas destapar o que já lá estava e, por ignorância própria, se desconhecia.

Os subsequentes males do imperialismo não vieram dos "descobrimtos" mas do desentendimento do que até então tinha estado coberto. De um insuficiente "descobrimto", portanto. Levando à imposição do que se julgava conhecer sobre o que se desconhecia.

A sempre rigorosamente criativa MCF (não, rigor e criatividade não formam um oxímoro) tem vindo a coordenar e a implementar, há mais de cinco anos, um pioneiro (diria, revolucionário) projeto de investigação intitulado *Memoirs - Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias*, financiado pelo Conselho Europeu de Investigação e centrado na História



Expo Europa Oxalá

recente, e consequências atuais, do colonialismo belga, francês e português.

Da sua desestabilizadora investigação se conclui (entre muito mais) que, no fim dos impérios de origem europeia, chegou o tempo de a Europa ser "des-coberta" pelos filhos do Império. Os conceitos de "centro" e "periferia" (ou, como entendido por Boaventura de Sousa Santos, no caso português, de "semi-periferia") são aptos instrumentos de análise histórica de um passado que já não corresponde a um presente potenciador de um previsível futuro. O que havia sido periferia é agora parte do que havia sido centro, ser europeu deixou de ser um conceito étnico, ser agora português (ou francês, ou belga, ou inglês) inclui quem trouxe consigo uma ancestralidade não-europeia. A Europa que há e poderá haver é multirracial. É pluricultural.

JULGO SER ESSA A MENSAGEM central à estimulante exposição Europa Oxalá que, a caminho de Coimbra, tive o gosto de ver na Gulbenkian, acompanhado pela Margarida e com o privilégio de esclarecedoras explicações do curador da exposição, prof. António Pinto Ribeiro. Não se trata apenas de uma exposição de arte (até porque a arte nunca é apenas) mas de uma inovadora afirmação pública que não precisa de ser política para inovar o que habitualmente se entende como político. Europa Oxalá é uma intervenção

no espaço público que procura e formula uma nova linguagem política visualmente expressa. No seu ensaio sobre a exposição - *Europa Oxalá: um presente para o futuro* - MCF sintetiza o essencial do que está em causa:

"Pensar a Europa pós-colonial implica, portanto, perceber que aquilo que mais definiu a Europa foi a sua vocação imperial - nas suas várias declinações - e que, consequentemente, a descolonização não foi apenas um movimento a Sul e que atingiu os países descolonizados. Foi também um movimento que atingiu e atinge radicalmente o continente colonizador que foi a Europa, a Leste e Oeste, e que precisa de ser descolonizado [...]" Mas para isso, acrescenta, "precisa de descolonizar as pessoas".

Quando as colónias portuguesas se libertaram de Portugal, também Portugal se libertou da colónia que havia sido de si próprio. O colonialismo começava em casa. Os opressores eram os mesmos. A revolução fundadora da atual democracia portuguesa começou em África. Mas, como bem diz Margarida Calafate Ribeiro, ainda falta "descolonizar as pessoas". Donde julgo que se pode concluir que, para Portugal vir a ser uma democracia verdadeiramente europeia, tem de incluir como portugueses os "filhos do Império" que o desejem. Reconhecendo-se uns aos outros não como desconhecidos mas como semelhantes mutuamente des-cobertos. Oxalá. **¶**